

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulsas	30 "

Annuncia -se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originas sejam ou não publicados não se restituem.
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

EXPEDIENTE

Achando-se preenchidos os recibos referentes a um anno d'assignatura d'este semanario, contado do dia 20 de agosto de 1907 a igual dia de agosto do corrente anno, roga-se aos Ex.^{mos} assignantes a obsequiosidade de mandarem pagar os seus recibos ou declararem se desejam que a cobrança seja feita por intermedio do correio, favor que antecipadamente muito se agradece.

A GRANDE VERDADE

No meio da nossa comensinha politica, no meio dos grandes antagonismos que se debatem e no meio da formidavel especulação politica que no actual momento é a principal característica dos partidos ambiciosos do poder e da derrocada da nacionalidade portugueza, ouve-se a todos os instantes afirmar que só o nosso paiz lueta com graves difficuldades, que só elle tem crises vinicolas, crises cerealiferas, dividas enormes, cambios maus, baixa de fundos, *defiuit*, desequilibrios orçamentaes, maus administradores do thesouro publico, ministros e funcionarios venaes, etc.

E affirma-se isto com grandes clamores no parlamento, com a entoação de consciencias impollutas na imprensa, com furores cavernosos nos comicios, apontando sempre como modelos as nações estrangeiras.

Ora os espiritos verdadeiramente patrioticos devem insurgir-se contra estas e outras atoardas que nos deprimem, contra accusações que só se fundam n'esse trabalho de sapa operado com a maior sem cerimonia pelos que se intitulam os futuros salvadores de Portugal.

A proposito d'esta idiosyncracia, a que tão attreitos são aquelles salvadores da patria, escreveu um dos nossos mais illustrados publicistas em um jornal dos mais considerados

do paiz, *O Commercio do Porto*, estas palavras que ninguem deve deixar de lêr detidamente pelos bons e eloquentes conceitos que encerram:

«Imparcialmente, dsapaixonadamente, nós somos mais para ser invejados do que para invejar; porque a nossa situação e as prodigalidades que a natureza nos dispensa, não se conquistam nem pela arte nem pelo direito da força, nem pela força da riqueza. Não as póde ter quem as quizer ter.

Se fossemos estrangeiros, haviamos de passar por tudo que elles passam, que vem a ser, umas vezes o mesmo, outras peor ainda do que nós passamos.

Com a facilidade de communições, vulgarisação de despachos telegraphicos e informações constantes, incessantes, minuciosas da imprensa, só quem não quizer saber ao certo o que vai lá por fóra é que o não sabe.

No fim de maio ultimo estavam sem trabalho na Inglaterra 49.519 operarios. A diminuição semanal dos salarios era de 3.600 libras esterlinas.

A navegação mercante d'esse paiz atravessa um anno de crise gravíssima; e não é difficil calcular a importancia de semelhante facto para uma nação nas condições especiaes da Inglaterra.

As gréves agricolas alastram-se por toda a Italia e, apesar da situação florescente que esse paiz attingiu, o seu desequilibrio economico accentua-se, porque as importações crescem e as exportações baixam!

Na Allemanha a situação das industrias é precaria e quanto á das finanças publicas tambem, e estas téem as suas exigencias. Agora precisa o governo, segundo uma nota officiosa, de 500 milhões de marcos.

À Hespanha pede recursos ao credito. Agora mesmo está appellando para um novo empréstimo de 4 °.

No anno findo, a Dinamarca fechou a sua conta com um *deficit* de 20.035.686 corôas.

Nos onze primeiros mezes de exercicio no anno fiscal, os Estados-Únidos da America tiveram um *deficit* de 64 milhões de dollars.

As grandes estiagens dão um mau anno ás Indias inglezas.

Isto são notas tiradas a correr, mas bastantes para justificar a nossa impressão ao ouvirmos afirmar teimosamente que lá fóra tudo são rosas, e aqui tudo são espinhos; que lá fóra o bem-estar é de todos, e aqui o mal-estar é a situação constante, permanente, invariavel; que os paizes estrangeiros são paraizos e o nosso é o inferno.

Ha com effeito uma differença profunda entre nós e elles:—é que os estrangeiros são sempre, em tudo e por tudo, pela sua patria; nós somos, em tudo e por tudo, contra a nossa.»

Perfeitamente. Com certeza não se póde patentear melhor e mais eloquentemente o mal que nos corroe. Somos politicos e não patriotas; acima da patria collocamos as nossas paixões, os nossos antagonismos partidarios, os nossos odios e rancores e, portanto, não admira que estejamos a dar ao mundo um espectáculo bem pouco edificante.

POLITICA

Um as apprehensões d'armas de fogo e outras diligencias praticadas pela policia em Lisboa, dão-nos a entender que ha qualquer cousa de receio.

Não achamos a occasião azada para tentativas perigosas!

Está na memoria de todos a tragedia do Terreiro do Paço, que ainda tem liquidações pendentes!... Juizo, pois!...

E' preciso que os inimigos do existente se convençam de que é ainda cedo para tentarem derrubar as instituições, que nos tem deixado gosar uma liberdade que, decerto, não encontraremos no seu systema.

As palavras dos seus talentosos homens, apesar da habilidade com

que são pronunciadas, ainda nos não convenceram de que pelo sea ideal venha melhor ventura para o nosso pobre paiz!...

Festa de Santo Antonio dos Milagres

Realisou-se no domingo ultimo, na sua Capellinha do Alto do Cabeço do Peão, a festividade d'este milagroso Santo, que correu sempre com muita animação e sem incidente desagradavel.

O fogo d'artificio foi muito abundante e de lindo effeito, confirmando-se mais uma vez os justos creditos do seu auctor, o distincto pyrotechnico Sr. José Nunes da Silva, da Certã.

NOTICIARIO

No sabbado ultimo chegou a esta Villa a virtuosissima esposa do merecissimo Juiz de Direito d'esta Comarca o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio da Costa Pereira e Solla.

Para as Pedras Salgadas sahio no dia 30 do mez de Julho findo o Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Vasconcellos, d'esta Villa.

No dia 2 do corrente deu á luz uma robusta menina, a esposa do nosso amigo e assignante o Sr. Manuel Dias Coelho.

Muitos parabens

Em gozo de ferias já se encontra n'esta Villa a interessante filha do nosso amigo Sr. Manuel Luiz Agria, tendo feito os seus exames d'este anno com muita distincção.

De visita a sua madrinha a Sr.^a D. Adelaide de Souza Craveiro, tem estado n'esta Villa a estremecida filha do nosso amigo Sr. Francisco Antonio d'Aguiar, digno chefe da estação telegrapho-postal da Moita do Ribatejo.

Foi passar alguns dias d'esta semana nas Ferrarias da Foz d'Alge, o nosso amigo Sr. Samuel de Lacerda Almeida.

Já estão n'esta Villa a passar as ferias os nossos bons amigos Srs. Arthur d'Oliveira Agria e Antonio da Costa Agria.

Já se trabalha activamente em preparativos para a grande festa de Nossa Senhora da Guia do Avellar, que este anno promete ser de maior luzimento.

Parece estar assente que virá ali

um grande rancho de boas raparigas de Coimbra em numero de cincoenta pares.

D'esta vez lá estamos cabidos com o nosso pausinho ferrado, pare o que der e vier l. . .

Tem passado bastante incommodada de saúde a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ermelinda d'Araujo Lacerda.

Fazemos votos pelas melhoras da illustre doente.

Tem sido muito elogiado o Ex.^{mo} Administrador d'este concelho, o nosso amigo Sr. Augusto d'Araujo Lacerda, pelo acerto com que soube dirigir a policia da feira de S. Pantaleão, aonde não consta que fosse praticado um unico roubo.

De visita a sua Ex.^{ma} Familia encontra-se n'esta Villa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria d'Araujo Lacerda.

O tempo refrescou um pouco com as ultimas trovoadas, o que foi um grande bem para todo.

AS TROVOADAS

O tempo decorre quente, abraçado, como succede quasi sempre n'esta quadra canicular. Como semelhantes calores pódem de um para outro momento transformar-se em trovoadas, que não só prejudicam a agricultura com as suas chuvas torrencias e saravadas, mas tambem fulminam os seres animaes e vegetaes com as descargas electricas, não deixa de vir a proposito tratar d'este assumpto que para muitos nada tem de banal.

Ha muita gente que tem medo da trovoadas e outra que o não tem, e até gosta de abrir as portas e as janelas para melhor admirar os relampagos por muito fulgurantes que sejam. Os que assim procedem, pretendem que é uma cousa pratica e sem perigo, sorrindo com um gesto de piedade aos que manifestam receios e se deixam aterrar pelos ribombos do trovão.

Diremos no entanto que o raio é muito caprichoso na sua marcha, bastando a mais pequena cousa para o fazer incidir sobre uma casa. Uma

porta aberta, uma corrente de ar, uma chaminé que fumega, bastam para abrir caminho ao fluido electrico. Por consequencia, mal andam aquelles que se mostram indifferentes ás descargas electricas e pouco se inquietam com os perigos que originam.

Assim como se diz que não é bom brincar com fogo, o mesmo se deve afirmar com respeito ao raio.

Em geral, quando ha trovoadas, raros são os que não se sintam em um estado nervoso caracteristico. Aos animaes succede o mesmo. A tensão electrica é suffocante, e só passa apoz uma serie de descargas.

O medo tambem representa o seu papel, pois apesar de tudo ninguem gosta de se achar exposto a uma descarga electrica inopinada. Quando a trovoadas se affasta, respira-se melhor; eis um facto que ninguem póde contestar.

E' que, no meio de tantos progressos scientificos, ainda não possuímos garantias sérias contra as descargas electricas, sendo sempre bom estar em casa quando se desencadeia qualquer trovoadas.

O perigo é sempre menor nas povoações e nas casas, e mais real nos campos, ao abrigo de qualquer arvore isolada, junto das casas circundadas de grandes arvores etc.

Existem terrenos e n condições particularmente favoraveis á attracção das descargas electricas.

Dentro das casas, quando ha trovoadas, devem se tomar estas precauções: Não formar agrupamentos; afastar das chaminés, sobretudo das que são dominadas por arvores, a fuligem é uma boa condutora da electricidade; evitar as correntes de ar; escolher como refugio o centro das salas.

As pessoas mais timoratas podem recorrer á caixa de Faraday, uma caixa de rede metallica, de malhas pouco apertadas e em relação, por meio de um cabo metallico, com a terra. Dentro d'estas caixas póde se dormir tranquillo em dias ou noutés de trovoadas.

Taes são as principaes precauções a tomar. Agrupamentos de gente em occasiões de trovoadas é sempre um perigo.

Ultimamente em Franca, na aldeia de Saint-Christoph, na Vendée, desencadeou-se uma formidável trovoadas. A gente que andava trabalhando nos campos recolheu-se a uma corte de gado. De repente uma descarga electrica fulmina 13 pessoas de 14

que alli se tinham recolhido, bem como todo o gado.

Foi uma verdadeira catastrophe, nunca uma farsca fulminara tantas pessoas. O agrupamento foi a causa de tamanha desgraça.

Por consequencia, alem de se reagir contra o medo, é necessario que todos se convençam do perigo que ha em se formar grupos de pessoas ou animaes.

Por outro lado, tambem é conveniente evitar os outros perigos que acima expozemos e não se expôr ninguém voluntariamente, por indiferença ou por ignorancia, ás descargas electricas.

E' sempre bom não haver medo, mas a falta de prudencia é que não se deve admittir, porque devido a ella é que muitas desgraças teem succedido e registado.

"Sociedade Philarmónica Figueiroense"

A Commissão angariadora de donativos para o novo fardamento d'esta Sociedade, roga a todos os cavalleiros que receberam circulares solicitando o seu valiosissimo auxilio, e que queiram subscrever com qualquer quantia para o referido fardamento, a fineza de a enviarem o mais breve que lhes seja possivel. ao presidente da mesma Sociedade, favor que desde já a commissão reconhecida agradece.

Relação dos donativos já recebidos

Ex. ^{mo} Paiva Irmãos—Lisboa.....	205000
" Conselheiro Simões Baião.....	105000
" Adelino Victorino—Africa.....	105000
" Manuel José de Carvalho—Casal da Franca.....	105000
" Dr. Alfredo Cunha—Lisboa.....	55000
" D. Victoria Telhada—Santarem.....	45000
" Adolpho Correia do Battencourt Furtado—Lisboa.....	25500
" Sebastião Quaresma da Costa Monteiro—Lisboa.....	25000
" João da Silva Telhada—Santarem.....	25000
" Miguel Soares Pinto—Caldas da Rainha.....	15000
" Manuel Afonso de Carvalho—Figueiró dos Vinhos.....	15000
" Antonio de Vasconcellos—Figueiró dos Vinhos.....	55000
" Joaquim Coelho Serra—Moinhenta da Beira.....	35500
" Francisco Simões Agrio—Africa.....	45000
" Manuel Simões d'Almeida Silva.....	25500
Total.....	825500

tempo as doçuras do descanso e do silencio.

Mas, decotrido algum tempo, Jayme lembrou-se de fazer funcionar o phonographo, que nunca mais auvira depois da morte da esposa.

Desfilaram algumas valsas, que já não estavam em voga, mas que a extincta tanto gostava de ouvir, alternadas com monologos e canções, que faziam parte dos rolos recentemente comprados por Jayme Dorval.

Os dous cunhados escutavam aquellas peças silenciosamente; o nudo Luciano Vidal sentia se invadido de um singular mal-estar. A sala em que estava era nova para elle, mas via alli muitos moveis e objectos que outr'ora a irmã tivera em grande apreço.

O que mais o perturbava, porem, era o phonographo.

Não fóra encontrado aquelle apparatus junto do cadaver de Cecilia Dorval, no dia em que se commettera o crime? Sem duvida fizera o funcionar alguns instantes talvez, antes de ser cobardemente assassinada. Quando a policia entrara e dera começo ás buscas, encontrara ainda um rolo no phonographo.

Luciano não se esquecera de todos estes pormenores. Lembrava-se tambem de ter procurado n'este incidente um indicio qualquer para descobrir o terrivel enigma; mas o rolo

que a policia encontrara no phonographo, nada mais deixara ouvir que o rythmo languido e emballador de uma valsa. Fóra uma decepção, a ponto de renunciar descobrir o enigma da morte da irmã.

Entretanto, todas estas recordações lhe assaltavam n'aquelle instante a mente, na presença de tantos os objectos conhecidos, sendo-lhe impossivel afugental-as para longe.

De repente a voz do cunhado felo sabir d'aquella melancolica concentração de espirito.

Jayme Dorval perguntara-lhe: —Que desejas ouvir agora, Luciano?

—O que quizeres, Jayme.

—Então não escolhes?

—Para que? Pega n'um rolo ao acaso.

—Não, então faz tu mesmo isso. E como sabes fazer andar o phonographo, colloca o rolo no seu lugar e entretanto fumarei um charuto.

—Está bem; não é trabalho de grande monta, até me servirá para afugentar os meus loucos e melancolicos pensamentos.

—Loucos e melancolicos pensamentos! Não, então deixemos o phonographo e conversemos. O conversar distrae tambem.

—E' certo isso, mas a musica tem essa grande condição de nos emocionar e de tornar o nosso espirito mais sensível a tudo quanto nos impressiona e nos rodéa.

Humorismos

Como os graves dissidentes
Com os de mais buicidentes
Lá na Caza de S. Bento
«Com certo desprendimento»
E nunca vista rudeza
Achassem grossa a despeza,
Parece que os bons inglezes
Vão pagar aos portuguezes
A verba da recepção
Do Rei da grande nação!

E não lhes fazem favor,
Não senhores! Proh pudor!

Mas nunca no Parlamento
«Com ou sem desprendimento»
Se disse ao pobre do Zé
Que a recepção de Loubet,
Sugeita a igual cantata,
Lhe não ficou mais barata
Que a do Rei de Inglaterra
Aonde o alorde não berra
Nem o «deputado» grita
Como uma fúria maldicta!

E nunca porque Eduardo
Não peza um franco picardo.

E não porque a Monarchia
Não ama a Monocrazia
Nem protege a dynamite
Que hora a hora, dia a dia,
Exerce a pyrocracia
Do banditismo a convite!

E não porque o monarchismo
Não convem ao anarchismo
Que ordena as atrocidades
Do terrivel acratismo
Nem ao rubro terrorismo
Que suprime as liberdades!

Ou Noventa e trez em França
Ou D. Pedro de Bragança!

E por isso de Loubet,
Rei por ampla votação
E Chefe da reinação,
Se não fez saber ao Zé
Que foi cara a recepção.

Mesmo porque o tal reizote
Lhes par'ceu bom rapazote.

L. Malheiros.

Ministerio de Educação

Lêmos n'«A União» de 26 de Julho ultimo o bello artigo do brilhante escriptor sr. Joze de Souza Monteiro, sob a epigrapha supra, que bem

—Dizes bem, Luciano; a musica é a grande arte das impressões. Com as suas harmonias, o homem chega a ficar inteiramente alheio ás cousas prosaicas d'este mundo.

Houve alguns momentos de silencio.

Jayme Dorval foi sentar-se diante de uma mezinha, onde se viam todos os minusculos utensilios necessarios para accender, conforme todas as regras, um bom charuto.

Quando a Luciano levantou-se, dizendo:

—Está dito, vou continuar a fazer funcionar o phonographo.

E no armario aberto de par em par viu uma caixinha em cujo exterior se lia: «O formoso Danubio azul», valsa de Strauss, executada pela orchestra etc.

Luciano abriu a caixa e tirou dentro com todas as precauções um rolo que tratou de fixar no phonographo.

Feito isto, deu corda ao phonographo, fazendo girar a manivella. Seguidamente collocou a ponta do diafragma reproductor nas leves estrias que sulcam a cera, executando este trabalho com o mais solido cuidado, a fim de que o phonographo reproduzisse a celebre valsa sem o menor defeito.

(Conclue).

FOLIETIM

DRAMA PHONOGRAPHADO

(Continuação)

Jayme Dorval, excitado pela propria dôr, deixou a capital e seguiu para uma longa viagem ao estrangeiro.

Quanto ao cunhado, Luciano Vidal, grande fóra tambem a sua dôr, porque com a morte de Cecilia Dorval perdera o seu unico affecto e o ultimo membro da sua familia.

O tempo foi passando, succedendo-se os mezes. Jayme regressou por fim a Lisboa e o cunhado alegrou-se ante a idéa de que ia encontrar n'elle o antigo e excellente companheiro de que dera sempre as melhores provas.

Jayme Dorval, não podendo continuar a viver na casa em que se passara o mysterioso drama, mudara para outra e, mal terminara a sua nova installação, apresentou-se-lhe o cunhado. Foi um encontro commovedor, embora se referissem ao passado ligeiramente, alongando se pela viagem que Jayme acabava de realizar.

Jantaram juntos. Depois, confortavelmente sentados, fumando excellentes charutos e tomando café, como que saboreavam durante algum

denuncia o importantissimo assumpto que os nossos Governos, desgraçadamente, tantissimo teem decurando.

Mas...

Grande e nobre é na verdade que o homem—esse pequenino ser da criação universal que só a Deus se deve—reconheça, ame, respeite e tema o seu Criador como de tudo que o circunda, tanto abaixo como acima d'elle, não ha duvida; e tudo que não fór isto será erro, e erro grande, pelo qual um dia terá de responder perante o Supremo Tribunal d'esse mesmo Deus que não carece de provas nem precisa d'advogados.

Mas um Ministerio de Educação para afinal se fazer o mesmo ou talvez menos do que sem Elle se pôde conseguir, parece-nos luxo de mais porque monta a uma despeza enorme, sem todavia poder conseguir mais que o actual encarregado.

Dêsse o Governo rigorosas Instrucções aos Inspectores e Professores, demittindo immediatamente todo aquelle que as não cumprisse, e tudo se faria sem Ministerios de Educação, porque a verdade é que «quantos mais são menos valem.»

L. Malheiros.

Morte de Voltaire

«João Maria Arouet, vulgo Voltaire, embora traidor á Patria, conseguiu entrar em Paris aonde recebe a desfructa as derradeiras ovações da sua vida.

E' acclamado nos theatros e coroado pelas multidões que se prestam a lhe puzar a carruagem e a levá-lo como que em triumpho magno.

Mas, como não ha gosto sem desgosto, n'uma d'essas gloriosas tardes, um violento accesso de febre o accommette que o obriga a guardar o leito.

O Padre Gauthier, agora bem recebido pelo impio, vizita-o duas vezes, e após essas duas visitas alcança do inferno uma retractação in fórma devidamente assignada. E, n'estas condições, Voltaire recebe os sacramentos.

Mas, como o diabo não dorme, apenas recupera a saude, eis-o diante dos amigos a gracejar com o que chama «uma phantazia de penitencia!»

Dois mezes depois recabe o, advertido pelo seu medico, de novo quer mandar chamar um padre. Mas, ó prodigio de perversidade! D'Alembert, Marmontel, Diderot e outros lhe guardam-no quarto para que nenhum Padre se possa aproximar d'elle, condemnando-o assim a uma morte verdadeiramente desesperada!

—Retirae-vos, retirae-vos! gritava o pobre apostrophando os encyclopedistas, porque fostes vós quem me perdestes!

E no meio dos seus terrores e continuas agitações d'alma, ou invocava ou blasphemava a Deus, que fora o grande objecto de seus odios e machinações. De fórma que, ora em tom de lamentação, ora consumido de remorsos, ou ainda tomado d'um accesso de raiva furioza, exclamava a miúdo:

—Jesus Christo! Jezus Christo! Cens. inferno! etc. etc.

Richey, testemunha d'este horrivel espectáculo a que muitos ou-

tros assistiram, fuge como que espavorido, dizendo:

—Na verdade isto é de mais, não se pôde ouvir nem supportar!

E o moribundo, extorcendo-se e rasgando o peito com as unhas, gritava, pedia, supplicava que lhe chamassem o Padre Gauthier; mas os seus adeptos reunidos na ante-câmara o não quizeram attendere.

Approximá-se o fatal momento e uma nova crizé de raiva e desespero se lhe apodéra da alma:

—Eu sinto, bradava o inferno, que uma puderoza mão me arrasta para o Supremo Tribunal de Deus! E depois, olhando aterrorizado em volta do leito, accrescentava:

—O diabo anda aqui! quer agarrar-me!... Eu vejo... vejo o inferno!...

E assim morre o grande impio.

Agora, já sem zombarias nem sarcasmos, mas ardendo em febre, na febre da morte, refrigerá os labios com a propria urina, —ó pios enfermeiros que o rodeavam!—solta um grito horrivel e expira—trinchando a lingua com os dentes—envolto em sangue e nos excrementos que lhe saham pela bocca!

Os amigos philozophos prohibem aos de caza o fallar-se n'este horror que puderam ter minorado, se não evitado, chamando-lhe o Padre requerido; mas não podem impôr igual silencio ao medico Troichin que diz:

—Comparando a morte do justo, que não é mais que «a tarde d'um lindo dia eterno», com a de Voltaire, não posso deixar de notar a differença que existe entre «um dia bonito e uma horrivel tempestade sem fim, talvez». Não, não posso recordar a morte de Voltaire sem horror!

D'«O Progresso Catholico»

—com pequeninas alterações—
15—7—08.

Agora uma pergunta:

Será só o terror da morte que, geralmente á hora extrema, faz que o impio se queira reconciliar com Deus, por intermedio da sua Igreja?

Não, não pôde ser. E' não porque o atheu convicto—se é que algum existe—nasce como um verme, vive como um animal e morre como um cão: isto é: sem crenças nem descrenças, porque alem-campa nada espera nem receia.

Logo, não é a morte que o aterroriza, porque a morte não temae e elle era a morte, mas sim o receio d'uma eternidade horrivel, d'um sofrimento sem fim. E, como o «receio» exclue a «certeza», temos que não ha nem pôde haver atheu convicto, como ainda acabamos de ver na horrida morte de Voltaire que

Ora chama por Christo, ora blasphemava, ora vê o ceu, ora o inferno, ora o diabo que o agarra, etc. etc.; mas sempre reclamando um Padre para se reconciliar com Deus.

Quiz a crueldade dos impios que o rodeavam que esse Padre, esse intermediario entre o ceu e a terra, entre Deus e o homem, lhe fosse negado! E depois?

Depois, se não tivesse blasphemado, a boa vontade lá estava. E assim mesmo... quem sabe!?

Deus é Deus.

L. Malheiros.

A Esmo

—Em Londres uza-se agora d'um processo curiozo para a cura dos doidos. E' a muzica. E parece que esta therapeutica tem dado bons resultados.

Mas não se chame novo ao velho processo que já Saul e David uzaram.

Nihil sub sole novi, dizia Salomão.

—A Inglaterra começou as suas grandes manobras de guerra nos mares do norte com duas frotas que se compõem de 316 navios.

Uma d'estas frotas desembarca um exercito nas costas da Gran-Bretanha afim de bombardear os portos d'esta nação, enquanto a outra procurará impedir-lhe esses movimentos e até destruí-la, se ella deixar.

Mas para que será todo este aparato bélico? Para inglez vêr, dizem-nos avançados.

Mas não, o mais provavel é que a Allemanha, os Estados-Unidos, a Inglaterra e talvez que o Japão, sintam moiro na costa.

—Em New-York, só n'um dia, acabam de declarar-se 204 fallencias commerciaes e outras!!

Nada ha que ver. Por toda a parte as mesmas intrigas, as mesmas ladroenras!

—O banho de lunão ou em que na agua do banho se espremem limões, é agora a grande moda na Inglaterra!

E vá que não vá, que lhes podia dar para coiza bem peor!

—Um banqueiro de Frisburgo—Allemanha—acaba de se pôr ao fresco, deixando um desfalque de milhares de contos. Mas não haja duvida, que o homem promete voltar.

L. M.

ANNUNCIOS

ADVOGADO

Marcolino da Silva

Escriptorio no Largo do Conselheiro João Franco, defronte do Tribunal (casa do Sr. Jeronymo Agria, aonde actualmente tem fixada a sua residencia), podendo ser procurado todos os dias das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Editos de 60 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escriptorio do 1.º officio, correm editos de 60 dias, citando Domingos Nunes, filho de Bernardo Nunes e de Maria da Piedade, do Pinheiro, auzente em parte incerta, a fim de pagar ao Estado a quantia de trezentos mil reis, por ter sido julgado refractario, ou nomear a penhora bens sufficientes para tal pagamento e custas feitas e a fazer, sob pena de revelia.

Figueiró dos Vinhos, 22 de Julho de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito 1.º substituto
M. Vasconcellos.

O Escrivão

Joaquim F. de Campos Jardim.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 16 do proximo mez d'agosto por 12 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta Comarca, se hão de arrematar em hasta publica, a quem mais dêr, os predios abaixo indicados, separados para pagamento do passivo no inventario orphanologico a que se procede por obito de Elias da Costa Carvalho, morador que foi em Pedrogam Grande. São por este citados quaesquer credores incertos para deduzirem os seus direitos, querendo.

PREDIOS PARA ARREMATAR

1.º—Uma testada de matto com carvalhos, castanheiros e pinheiros, no sitio do Pizão, no valor de reis 300\$000.

2.º—Uma terra de sementeira de rega, sita á Horta da Fonte de Baiço, no valor de 170\$000 reis.

3.º—Um olival, aos Três Irmãos, no valor de 130\$000 reis.

4.º—Um olival, ás Maijoanas, no valor de 90\$000 reis.

5.º—Um olival, á P. Dionizio ou Fonte do Pomar, no valor de reis 40\$000.

6.º—O dominio util d'um praso foreiro a D. Margarida Fariaha e irmã, de Pedrogam Grande, em 112,11 de pão meado de trigo e centeio e 1 gallinha, com laudemio de quarentena, imposto em uma terra de sementeira de rega, com videiras, pinheiros, testada de matto, e casas d'arrecadação, ao Pizão, no valor de 253\$676 reis.

Figueiró dos Vinhos, 21 de julho de 1908.

Verifiquei:

O 2.º Subst.º do Juiz de Direito

Antonio d'Azevedo Lopes Serra.

O Escrivão

Joaquim Antunes Ayres Buraca.

FABRICA DE SABAO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem já á venda por grosso, todas as marcas de sabão uzadas até hoje.

Qualidades garantidas a preços resumidos.

Os proprietarios

José Henriques da Silveira & Silva.

Usae o Fuminol

Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol»—que é inoffensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remette-se a quem enviar a sua importancia á

—PHARMACIA CAMPOS—

Estarreja—Salreu

RELOJOARIA BARROCAS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de meza e parede; relógios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—Vulcain Longines Civil Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruzes, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE

SANTO ANTONIO DOS MILAGRES

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

Pedidos directamente á fabrica.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2:183. Telegr.º

«Leque»—LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciais, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espólios, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunaes superiores.

Pendencias, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

Recebimentos, de dividas, rendas, fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Anuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

Assigaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.º—R. Nova do Almada, 111 a 213.

Paiva Irmãos—Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.º)—R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retozaria)—R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho—R. de S. Paulo, 188.

Joaquim Pires Mendes—R. dos Baralhoeiros, 28.

Jerônimo Martins e Filho—R. Garrett, 13 a 19.

Afonso de Barros & C.º—R. Augusta, 72 a 79.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhores situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia,

bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOAO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Campanhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, esculpando-se no aseo.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepcionaes para esta terra.

— CAZA DO BARATEIRO —

Esta caza commercial, situada por baixo do Hotel Commercial, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

↗ Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.

NA LOJA

DOS

QUATRO GLOBOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertencentes).—Cabides de madeira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza (affiangados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

DEPOSITO DE TABACOS

E

PHOSPHOROS

Agencia de vendas para a circumscripção que comprehende os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Venda de todas as marcas de tabaco picado, cigarros e charutos da tabella da Companhia.

Charutos estrangeiros das acreditadas marcas «La Casa», «Mignon», «Melitas», «La Mar» e outras para 50, 60, 80 e 100 reis.

Descontos aos possuidores de licença de venda.

Correspondente de diversas casas bancarias.

Cobrança de letras sobre todas as terras do paiz e pagam-se saques do Brazil e Africa, cheques sobre Londres e outras praças no estrangeiro.

Seguros contra fogo.

Agencia da Companhia de Seguros «Tagus».

José Manuel Godinho.